

| O p i n i ã o |

## O remédio é a transparência

**N**ão me tem surpreendido a telegrafia diplomática americana divulgada pelo WikiLeaks e pela imprensa internacional que se lhe associou. A diplomacia é isto mesmo: uma interpretação pessoal e política dos interlocutores, suas motivações e contexto em que se movem, e um esforço de análise, pelo prisma do interesse nacional de cada país, daquilo que é feito e do que é dito, em privado e em público. Como retorquiu um responsável russo aos apologeticos americanos: “Se vissem o que nós escrevemos na nossa telegrafia sobre vocês! ...” E na verdade o WikiLeaks demonstra que a diplomacia americana funciona, para o bem e para o mal. E não são os EUA quem sai pior deste espararmar de roupa suja...

Os telegramas do Wikileaks expõem comportamentos inconfessáveis, injustificáveis, hipócritas, imorais, ilegais e até criminosos por parte de responsáveis governamentais em muitas latitudes. O que, por si só, já justifica amplamente a sua revelação, que pode contribuir para um ambiente democrático mais saudável do que aquele em que vivemos.

Muito do que é revelado pelo WikiLeaks era já sabido por quem segue de perto as relações internacionais e a política externa americana, em particular. Mas a divulgação da telegrafia credibiliza aqueles que se têm levantado contra as práticas dúplices e vergonhosas dos EUA e de mui-

tos outros Estados, democráticos e não.

É embaraçoso? Sim, claro. Principalmente quando o que se diz em privado é o oposto do que é assumido em público. Não é, por isso, de espantar que os governos iraniano, paquistanês, etíope, afegão, saudita ou turco sejam os mais furiosos com os telegramas enviados para Washington. E que Madrid, Brasília, Maputo e outras capitais fervilhem agora à conta da exposição dos ministros e funcionários pressurosos a servir os americanos, ou de presidentes e governantes corruptos que enriquecem a proteger a criminalidade organizada.

Também há implicações perigosas para a segurança global e não apenas dos EUA: por exemplo, a revelação das instalações de segurança consideradas críticas por Washington; ou a admissão pela China da possível reunificação das Coreias, quando o regime tirano ainda dominante na Coreia do Norte não precisa de ser provocado para disparar agressivamente. Mas as mais graves consequências dos Wikileaks respeitam ao rombo na confiança entre os EUA e os seus parceiros, no plano diplomático e da *intelligence*, onde a necessária partilha de informações depende da confiança.

As recentes revelações sobre Portugal são preocupantes. A possibilidade de um banco nacional procurar fazer negócios num Irão sob sanções das Nações Unidas e da UE, à conta de um expe-



A possibilidade de um banco nacional procurar fazer negócios num Irão sob sanções das Nações Unidas e da UE, à conta de um expediente de chico-esperto, é gravíssima.

**ANA GOMES**  
Eurodeputada

diente de chico-esperto, é gravíssima. E não só por ter falhado e ser exposta, mas por indiciar a mais total falta de ética – quem se apresta a espionar o regime iraniano para ganhar dinheiro à sua conta, também se pode trabalhar para cartéis de droga, à pala de os fazer supervisionar pelas polícias.... O Millenium BCP já desmentiu. Mas não basta – é vital o esclarecimento do que terá proposto ao Irão.

Os Wikileaks fazem também luz sobre a questão dos voos de transporte ilegal de prisioneiros. O MNE afirmou há dias na AR que o repatriamento de ex-prisioneiros de Guantánamo não tinha chegado a realizar-se, só tinha sido objecto de diligências pelos EUA. Dias depois, um telegrama de Setembro de 2007 indica que Portugal deu autorização para o efeito. Fico a aguardar que mais telegrafia americana confirme aquilo que eu venho dizendo e que o Ministro Luís Amado vem desmentindo...

Na semana passada estive nos EUA, em reunião regular entre membros do Parlamento Europeu e do Congresso norte-americano. O tema Wikileaks era incontornável: nos EUA há quem peça a cabeça de Julian Assange, mas também quem lembre o *First Amendment* constitucional que consagra a liberdade de expressão e publicação. Os colegas americanos admitiram o colossal falhanço de segurança na origem das fugas do Wikileaks: o circuito de distribuição dos telegramas

foi alargado pela Administração Bush, dando ao Ministério da Defesa acesso à telegrafia do Departamento de Estado. Resultado: cerca de dois milhões de funcionários e militares poderiam lê-la (incluindo um qualquer cabo chateado num cú-de-judas no Iraque ou no Afeganistão...).

As tecnologias de comunicação permitem hoje a reprodução massiva de dados e a omnipresença da internet facilita a democratização do escrutínio popular. A diplomacia vai precisar de continuar a recorrer à confidencialidade nas comunicações: a eficácia de alguma acção exige-o. Mas isso não significa que governantes e diplomatas recorram sistematicamente à classificação reservada e, sobretudo, dêem desse modo cobertura a actuações inconfessáveis e criminosas. Nas questões mais sensíveis e secretas (durante um certo tempo, porque a desclassificação é inevitável e pode ocorrer muito mais cedo do que o previsto), é preciso circulação mais restrita e rigorosa.

Fundamental é reagir democraticamente à avalancha de revelações da Wikileaks. Ou seja, não à chinesa, com repressão e tentando obstruir a difusão da informação (o que é, de resto, ineficaz). Com a globalização e as novas tecnologias da informação, cada vez menos é possível – e desejável – manter secreto o que respeita à governação ou à diplomacia. Integridade, coerência e transparência são o remédio. ■

## Que “moeda” vamos pôr no mercado?

**P**or mais egoísta que um homem possa ser há, evidentemente, alguns princípios na sua natureza que o fazem interessar pela sorte dos outros e tornam a felicidade destes necessária para a sua própria felicidade...

Que, frequentemente, fiquemos tristes com a tristeza dos outros é um facto demasiado óbvio para exigir qualquer instrumento de prova; mas este sentimento, como todas as paixões de natureza humana não está confinado aos mais virtuosos... O mais violento, o mais endurecido violador das leis da sociedade não está completamente desprovido dele”.

Isto escreve Adam Smith, em 1759, muitos anos antes de ter escrito a sua mais famosa obra, que os mais liberais têm, de um modo cego e parcial, considerado como o pensamento relevante do domínio do mercado na economia e na sociedade.

Mas o mesmo autor, na mesma obra de 1759, *A Teoria dos Sentimentos Morais* escreve, a seguir:

“A corrupção dos nossos sentimentos morais... é ocasionada pela disposição de admirar os ricos e os grandes e desprezar ou negligenciar as pessoas pobres ou de baixa condição.”

E acrescenta: “Temos dois caminhos alternativos (para ganhar o respeito dos homens): um é pelo estudo da sabedoria e pela prática da virtude; o outro pela aquisição da riqueza e da grandeza. Dois diferentes caracteres se apresentam, então, à nossa emulação: um, o da ambição orgulhosa e da avidez ostentatória, o outro, da modéstia humilde e da justiça equitativa.”

Mais de 250 anos depois, a crise que vivemos e as suas raízes, mais do que identificadas, reclamam a nossa escolha, caro leitor. Qual escolhemos? Qual temos escolhido?

Relativamente à última pergunta, deixe-me abusar um pouco mais de citações e atente nestas duas:

“Preferimos salvar a nossa face a olharmo-nos sustentadamen-



A simplicidade, a humildade, a busca de sabedoria parecem hoje “moeda fraca” face às ostentações e critérios dos poderosos

**J. AMADO DA SILVA**  
Economista

te ao espelho”, Lucy Kellaway (*Financial Times*).

“Sou um autor filantrópico frustrado: porque vejo que (o número crescente de) indianos ricos não se interessam pelos (muitos milhões) pobres”, Dominique Lapierre, autor de *A Cidade da Alegria*, em entrevista ao *El País*.

A primeira interroga-nos, a si e a mim, sobre que critérios nos orientam e, sobretudo, se eles são fruto de reflexão profunda, do encontro de cada um consigo mesmo ou, pelo contrário, do mero culto da imagem, do “querer parecer”, do culto do efémero.

A segunda interroga-nos profundamente sobre a repartição do rendimento e sobre a crescente cupidez de quem tem e quer ter cada vez mais. Mas, para além disso, impõe-nos, na linha da reflexão pessoal que acima se propõe, que cada um de nós, sem o carácter corroído, ou seja, na pureza dos sentimentos de que fala Adam Smith, e sem subserviência nem respeito particular pelos grandes e pelos poderosos, saiba partilhar o

que tem, desde a disponibilidade de tempo e de atenção aos recursos em excesso que muitos temos.

A crise não será vencida só pelo regresso ao crescimento (se regresso houver), sobretudo se for do mesmo tipo de crescimento. Há que mudar comportamentos e o processo de o fazer, o único que confere legitimidade para ter esperança e exigir mudança é começar por si mesmo.

A simplicidade, a humildade, a busca de sabedoria parecem hoje “moeda fraca” face às ostentações e critérios dos poderosos. Mas, como temos visto, as “moedas fortes” estão a vacilar. Será que aquelas qualidades se “postas no mercado” não acabarão por se impor? Vamos arriscar?

O Natal, que já começamos a viver, é, pela sua própria raiz e natureza, o espaço seminal para um renascimento. Aquele que nasceu usou essa “moeda”: Morreu na cruz, é certo, mas, mesmo os que não crêem que ressuscitou serão indiferentes ao caminho que Ele traçou? ■